

A UTILIZAÇÃO DE IMAGENS NO ENSINO DE HISTÓRIA NO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA.

Universidade Estadual da Paraíba

¹ Autora: Natália Correia de Melo

nataliacorreia06@hotmail.com

² Co-Autora: Auricélia Lopes Pereira

auricelialpereira@yahoo.com.br

Resumo

Visando utilizar a imagem em sala de aula na disciplina de História, este artigo aborda como a imagem passou a ocupar seus espaços na sociedade ao longo da história e também como foi sendo utilizada como ferramenta pedagógica. Com isso, traz alguns aspectos referentes ao mundo imagético e o potencial que este tipo de fonte possui. O Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência (PIBID) tem como um dos seus principais objetivos levar uma nova perspectiva de ensino para sala de aula, as imagens podem servir de grande ajuda nesse desafio. Este artigo relata algumas das experiências já vivenciadas em sala de aula utilizando a imagem como fonte e ferramenta de ensino e os resultados dessa proposta.

Palavras-chaves: Imagem, Ensino, PIBID, História.

¹ Graduanda do Curso de História do 5º período na Universidade Estadual da Paraíba e bolsista PIBID/CAPES.

² Professora do Curso de História na Universidade Estadual Paraíba e bolsista PIBID/CAPES.

Segundo Cadiou (2007), o que conhecemos como imagem foi uma criação da Idade Média Cristã, onde as imagens estavam associadas aos santos. Já no século XIV, o Naturalismo trouxe consigo as representações do profano. No entanto, Cadiou (2007) destaca o desenvolvimento da técnica de estampa no ano de 1400, que revolucionou a difusão das imagens, possibilitando que estas se tornassem reproduzíveis e conseqüentemente mais acessíveis.

A partir desse novo lugar ocupado pela imagem, ela passou a exercer novas funções. Passou a fazer parte da decoração das casas, principalmente a imagem ligada à religiosidade. Ela teve também um papel pedagógico, contribuindo para divulgar o conhecimento, inclusive para os iletrados. Foi ainda usada para fazer propagandas, difundindo dogmas políticos e religiosos.

A imagem foi vítima de rejeição e preconceitos por parte dos fieis do Antigo Testamento, diz Cadiou (2007), que acusaram sua utilização de idolatria, tida ainda como uma imitação da pintura original ou até mesmo algo fútil.

Mas para Cadiou (2007), o triunfo da imagem só se deu mesmo com o Iluminismo, os filósofos das Luzes acreditavam que os olhos estavam mais aptos a compreensão do que os ouvidos, ou seja, é mais fácil utilizar uma imagem para difundir algum pensamento do que a oralidade.

Com a Revolução Francesa as caricaturas tiveram papel de destaque, a imagem estava nesse momento circulando de maneira muito forte no ambiente político. No período da III República, ela também esteve presente na política através dos desenhos utilizados pela imprensa.

De fato, ela esteve circulando ao longo da história nesse âmbito, inclusive na Primeira Guerra Mundial com a propaganda e os cartazes. Mas com o crescimento de outros veículos de comunicação em 1960, passou a ser menos utilizada.

Foi a História da Arte na contemporaneidade que possibilitou o uso da imagem como uma fonte, tendo em vista o grande número desses documentos. A princípio foi mais utilizada pela literatura, afirma Cadiou (2007), mas com a diminuição dos preconceitos existentes entre a história e as outras ciências ela passou a ser mais utilizada pelos historiadores.

De acordo com Cadiou (2007), mesmo a imagem sendo uma representação do real ela nos permite produzir discursos acerca da realidade e pode nos ser relevante, assim como, são as outras fontes.

As imagens fizeram parte da vida social até mesmo nas sociedades antigas, diz Cadiou (2007). Por isso, ela é bastante útil para as pesquisas acerca dessas sociedades. Para não ficar somente no campo da informação foi preciso que se lançasse outro tipo de olhar para com esta fonte, um que possibilitasse a compreensão de toda a sua constituição. Da mesma forma que o historiador lança um olhar de crítica ou dúvida para determinado tipo de fonte, assim deve também para com a imagem.

A partir disso, o autor em questão vem falar sobre dois riscos que se corre ao trabalhar com a imagem. O primeiro deles é isolar alguns elementos próprios da imagem que seria trabalhar apenas um único aspecto da imagem e não o seu todo e o segundo seria isolá-la do restante de sua produção, ou seja, analisar apenas uma imagem de uma série da qual ela faz parte e que estas se conversam entre si.

Com a digitalização, o historiador deve ainda ter o cuidado no acesso as informações da imagem, pois é ainda mais difícil ter acesso a veracidade das características acerca de uma imagem, em caso de cometer algum equívoco podendo gerar omissões e anacronismos.

Para Lehmkuhl (2010), quando o historiador utiliza imagens ele necessita ter uma maior atenção do que ele comumente tem para com os documentos escritos ou orais.

A autora considera que fazer história com a fonte visual nos remete à uma vida cotidiana, formas de expressão e ainda a representações de vidas que já se passaram.

Assim como outros autores, Lehmkuhl (2010) aborda alguns cuidados fundamentais ao se utilizar esse tipo de fonte, um deles é utilizar as imagens apenas como ilustrações em livros, deixando de explorar os variados universos que a imagem possui.

No entanto, muitos autores têm feito isso de forma diferente, dando à imagem um papel de destaque em suas obras, Carlo Ginzburg é um exemplo desse fato trazido pela a autora, prezando ainda análises interdisciplinares em seus livros.

Lehmkuhl (2010) trata de algumas reflexões de Enerst Gombrisch que falam sobre como o historiador deve trabalhar com as obras de arte, tendo em vista que estas

apresentam dois aspectos fundamentais, de acordo com ele. São esses aspectos: a sua produção e a sua leitura. Ou seja, as motivações e razões que levaram o artista a produzir tal obra e de tal maneira, como também as diferentes leituras que elas receberam ao longo do tempo, das quais o artista não tem controle.

Segundo Gombrich, as imagens não são tidas como “verdadeiras” ou “falsas”, diz Lehmkuhl (2010), são apenas apropriadas ou não a determinada época. Ele acredita ser fundamental a decodificação das imagens sobre seus elementos de constituição, inclusive porque o espectador é o responsável por completar a imagem, dando-a sua interpretação e sentido.

Gombrich afirma que existem duas categorias de imagens, que são: as imagens conceituais e as ilusionistas. Na primeira, o autor representa aquilo que conhece e não aquilo que vê, já na segunda ele representa algo que está no seu exterior. Para ele, o que existe de fato é uma parceria entre o pintor e o espectador já que os atos de compor e ler uma imagem são dependentes.

Através de Laurent Gervereau, Lehmkuhl afirma que há algumas etapas fundamentais para fazer uso das imagens, são elas: descrição, contextualização e interpretação. A primeira delas traz consigo as técnicas, os aspectos estilísticos e os temas abordados. A segunda irá focar no contexto de difusão da imagem em questão, de como esta se disseminou em determinada região. Por fim, a última etapa que consistirá nas significações que a imagem possui para além de sua produção.

Outro autor estudado por ela é Jacques Aumont, que aborda as pinturas que são vistas em fotografias. Hoje o acesso está mais fácil a imagem, no entanto, a veracidade de suas informações se tornou um obstáculo para os estudiosos, inclusive para o professor que precisa ter dados de confiança para o planejamento e excussão que de sua aula.

Segundo Aires (2008), as pinturas históricas fazem parte da formação da identidade nacional brasileira, sendo assim, elas nos permitem uma interpretação no âmbito da sala de aula no que se refere ao ensino de História.

Durante a Antiguidade e a Idade Média, no contexto europeu, a imagem possuía um valor político, pedagógico e de afetividade, afirma Aires (2008). Somente no século XIX, com a História da Arte é que se passou a debater sua visão cognitiva.

Este mesmo autor vem discutir a concepção da História para a Escola Metódica dita “Positivista”, como já é muito abordado, sabe-se que para esta Escola a história depende exclusivamente dos documentos escritos e oficiais que são considerados como “verdadeiros”.

Com isso, a função do historiador é analisar os documentos separando o “falso” do “verdadeiro”, com o objetivo de construir uma narrativa que descreve os grandes nomes e acontecimentos. O problema está na grande exclusão que esse tipo de análise gera, deixando fora do campo de debate as famosas ditas “minorias” ou massas.

Nesse contexto as imagens estavam postas em segunda ordem e somente com a Escola dos Annales, onde seus fundadores passaram a problematizar a importância da interdisciplinaridade, foi que elas passaram a ocupar um lugar novo no campo da pesquisa.

A Escola dos Annales possibilitou uma revolução no campo da História, principalmente, ao que diz respeito ao tratamento e tipos de fontes. Embora a permanência da fonte escrita como uma ferramenta bastante forte, as imagens começaram a ganhar seu espaço com a crise da modernidade e alguns movimentos de contracultura (feminista, gay, negros, etc.).

Tais aspectos sociais acabaram por influenciar o ensino e o currículo de História. O contexto onde se fazia presente as imagens fotográficas e a televisão sendo utilizadas como ferramentas para a propagação de ideologias não pôde ser omitido na educação, memória e vida social do povo brasileiro.

Aires (2008) faz toda essa discussão tendo em vista a metodologia que deve ser usada para em sala de aula para se trabalhar com a imagem e compreendendo como esta fonte passou a ser utilizada pelos historiadores influenciando a educação nos dias atuais.

A partir disso, ele considera relevante observar o contexto de produção das imagens, os interesses com que ela foi produzida, o lugar social do seu autor, como diz Certeau (1982), e as relações que ela tem com o passado e o presente.

Segundo o Abud (2010), a fotografia é uma fonte muito rica de informações que nos possibilitam a reconstituição do passado, mesmo sabendo que muitas são compostas por um aspecto ficcional e fazem parte da escola de quem a compôs.

A fotografia é responsável por nos fazer penetrar em uma determinada época, a partir disso, podemos compreender e analisar as relações sociais e o contexto histórico, assim ver sua contribuição para a construção de uma memória.

Portanto, o professor que assume o papel de destaque na construção do conhecimento escolar, pode e deve utilizar-se dessa fonte para trabalhar o conteúdo em sala de aula.

Embora a fotografia e a pintura compartilhem algumas semelhanças, a fotografia consiste em um recorte de um determinado momento que se passou, afirma Abud (2010). A fotografia se difere ainda da pintura por ser um instante capturado e selecionado pelo fotógrafo, enquanto a pintura faz parte de uma construção em que o pintor vai fazendo à medida que lhe é possível.

Para facilitar a interpretação e compreensão da imagem, ela pode ser estudada em sala de aula com o auxílio de alguns textos ou legendas que servem para dar explicações sobre as mesmas.

Um fato bastante interessante acerca desse tipo de fonte colocado pelo Abud (2010), é que assim como o cinema, a fotografia também nunca teve sob o controle total dos governos autoritários ao longo da história, com isso, se tornando uma ferramenta de análise para o professor historiador.

O Abud (2010) vem dar algumas orientações a respeito da metodologia a ser realizada em sala para se trabalhar com a imagem. O primeiro passo, de acordo com ele, seria a escolha do eixo temático que proporcione a conexão com outros fatos e aspectos até mesmo de outros campos científicos.

Em seguida, o professor deve se certificar de que as imagens escolhidas se adequam a realidade da escola e também dos alunos. O Abud (2010) fala isso, pois, acredita que as imagens além de possuir suas características visíveis e acessíveis, possuem também seus aspectos ocultos, assim, o professor tem o papel de esclarecer e abordar as múltiplas versões que uma imagem carrega consegue.

Quando se fala em fotografia isto muito se remete a memória, aos acontecimentos que ficaram registrados e tidos como mais importantes de um determinado indivíduo. Talvez hoje isso tenha mudado um pouco com a tecnologia, as famosas fotografias

chamadas de “selfies”. No entanto, as gerações das últimas décadas do século passado compreendem muito bem esta realidade onde a fotografia serviu para lhes dá um tipo de memória.

A questão é que no cotidiano familiar as fotografias têm como função reconstruir cenários que já se passaram, acompanhados de relatos dos membros mais velhos da família. Com isso, vai se despertando a imaginação daqueles que estão a ouvir e ver um pequeno pedaço de sua história ali sendo contada e registrada na fotografia.

O Abud (2010) faz um alerta bastante importante, pois da mesma forma que os outros tipos de fonte, a fonte imagética traz consigo os valores, a estética e técnicas de quem a produziu, por isso, é fundamental levar em consideração tais fatos e ter um olhar crítico como se costuma ter para com a fonte escrita, por exemplo.

Outro passo que o professor deve seguir é preparar seus alunos antes de expor as imagens, para que eles possam compreender o sentido da metodologia utilizada e do próprio conteúdo. Por fim, é interessante que o professor peça para que eles produzam algum tipo de atividade para gerar um incentivo e valorização do assunto.

Utilizar as fotografias em sala irá fazer com que os alunos aprendam a valorizar a fonte em questão e também mude um pouco a rotina da sala de aula, podendo ainda despertar o interesse dos alunos quebrando o paradigma de que a disciplina de história é tediosa.

O professor precisa estar ciente das possíveis dificuldades que poderá enfrentar nesse percurso, principalmente se, se tratar do Ensino Público Brasileiro, pois elas podem ser ainda maiores. A falta de acesso as tecnologias, como computadores, Datashow e câmeras fotográficas podem ser algumas delas.

Como toda fonte histórica, é necessário que se faça uma contextualização da imagem levando em consideração seus dados técnicos, o autor e o contexto que o mesmo estava inserido.

A partir dessa discussão, percebe-se que alguns autores compartilham ideias bastante semelhantes acerca da imagem e de como esta é ao mesmo tempo uma fonte histórica e uma ferramenta pedagógica. Eles ainda nos passam orientações que podem ser

seguidas pelos professores para que a usem de maneira mais coerente, dando a imagem seu lugar merecido na sala de aula.

O uso da imagem em sala de aula pode ser muito proveitoso, tanto para o aluno como também para o professor, pois possibilita que a rotina de aula tome um rumo diferente e mais dinâmico dando ao aluno uma maior chance de interação e apreço pela aula e pela História.

Relatando uma experiência...

Tendo em vista a importância da imagem para metodologia aplicada em sala de aula, tive a oportunidade de usar essa ferramenta, a partir dos meus aprendizados na graduação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que tem como um dos principais objetivos levar uma metodologia diferenciada para sala de aula, assim, um dos métodos utilizados é trabalhar com fontes nem sempre utilizadas no dia a dia da escola. São elas: a imagem, a música, a literatura, o cinema, etc.

Dentre as experiências já vivenciadas nesse projeto que é de grande importância para sociedade já que preza por uma educação que quebre os paradigmas até aqui enfrentados quanto a questão de fazer da aula um momento proveitoso para o professor e principalmente para o aluno, visei abordar a biografia do pintor italiano Giuseppe Arcimboldo (1527-1599).

Arcimboldo possui uma forma bastante peculiar de pintura, começou a pintar aos 22 anos e ficou conhecido pelos jogos de divertimento que criava para a corte.

Em seus quadros ele se utilizava de um jogo de perspectiva para fazer uma ilusão de óptica, geralmente pintava frutas, legumes e flores formando rostos e dependendo do lugar de onde o espectador observasse o quadro ficaria difícil a identificação dessa face.

Isso acontece em suas obras mais conhecidas “*As Quatro Estações*” (1573), que é justamente retratada para cada estação do ano um rosto com expressões diferentes.

O primeiro passo que segui foi produzir um slide que abrangesse a biografia do pintor, nele coloquei as imagens dos quadros de Arcimboldo, mas não imagens completas, fiz recortes para que os alunos vissem somente as flores ou legumes no primeiro momento, em seguida, mostrei o quadro completo para que eles pudessem identificar o rosto formado a partir desses elementos.

“*As Quatro Estações*” (1527), possibilitou ainda que no primeiro momento fosse colocado o “*Outono*”, que faz parte desse conjunto de obras, de forma invertida ou mais conhecida como “de cabeça para baixo”, nesse instante os alunos identificaram uma bacia cheia de legumes, mas no segundo momento quando foi exposta a imagem original perceberam que era de fato um rosto.

É justamente esse tipo de sentimento que a arte desperta em cada um de nós, através do olhar somos tocados de forma única. Isso foi o que os alunos puderam viver através da aula planejada a partir desse projeto.

Após a exposição e explicação das imagens, a sala foi dividida em dois grupos que receberam cola, cartolina e imagens já recortadas de frutas e legumes, para que pudessem, em grupo, formar os seus próprios rostos. Ou seja, eles tiveram a oportunidade de simular a arte que o pintor Arcimboldo produziu.

A partir das experiências vividas nas aulas da Universidade Estadual da Paraíba, no Curso de História, pude utilizar a mesma metodologia a qual me cativou com os alunos do projeto e foi muito gratificante ver que, assim como eu, eles gostaram de penetrar nesse universo das imagens.

REFERÊNCIAS

CADIOU, François. Como se faz a história: historiografia, método e pesquisa. História e Imagens (tradução de Gisele Unti) Petrópolis, RJ, Vozes, 2007.

LEHMKUHL, Luciene. História e Imagens: Textos visuais e práticas de leitura, Fazer história com imagens. Campinas, SP. Mercado das letras, 2010.

ABUD, Kátia Maria; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. Ensino de história. São Paulo: Cengage Learning, 2010. p. 147-164 (Coleção Ideias em Ação).

CERTEAU, Michel de. A escrita da História. – Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

AIRES, José Luciano de Queiroz. História Ensinada: linguagens e abordagens para a sala de aula/ Martinho Guedes de Santos Neto (org.). João Pessoa: Ideia, 2008. p. 43-65.